

## EXPOSIÇÃO “JATAHY: HISTÓRIAS PRA CONTAR” E A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA ÚNICA (1995 - 2015)

Michael Douglas Dos Santos\*

### Introdução

Antes de iniciar a discussão que será apresentada neste artigo, é preciso situar como a pesquisa foi realizada, bem como os objetivos que me incitaram a realizar determinada investigação sobre a exposição Jatahy: histórias pra contar (1995-2015). O propósito da referida pesquisa, era inicialmente refletir sobre as representações e memórias da população negra jataiense no Museu Histórico de Jataí, especificamente as exposições realizadas na instituição. Ao todo já foram realizadas aproximadamente em torno de 62 exposições até o ano de 2019, no entanto nos restringimos a analisar apenas uma, já citada anteriormente, pois a mesma reflete sobre a construção da cidade de Jataí, além de abarcar as narrativas e memórias expostas sobre a sua população local.

O Museu Histórico de Jataí (MHJ) - Francisco Honório de Campos teve sua inauguração no dia 14 de março de 1994, com objetivo de preservar e divulgar a história e cultura material e imaterial da região através de suas exposições e atividades, contribuindo para a construção de uma história e memória local/regional. Localizado no centro da cidade, sua estrutura predial consiste em um casarão com arquitetura colonial preservada.

Seu funcionamento se dá a partir de verbas governamentais, bem como da articulação da Associação de Amigos do Museu, formada por professores da Universidade Federal de Jataí, do Instituto Federal de Goiás – Campus Jataí, servidores do museu e membros da comunidade jataiense. A criação do Museu Histórico se estabeleceu por meio da Lei Municipal de nº 1542/93, de 10 março de 1993. Em 1998 foi regulamentado o tombamento de seu prédio pelo poder municipal, por meio da Lei nº1706/941 (PINTO JÚNIOR, MENEZES e SILVA, 2012, p. 50).

---

\* Universidade Federal de Goiás; Mestrando no Programa de Pós-graduação em História.

O prédio onde hoje se localiza o Museu Histórico de Jataí é, possivelmente, uma obra do final do século XIX, pois, encontramos referências sobre o imóvel em um documento no cartório do 1º Ofício, datado de 5 de abril de 1892. O casarão teve vários proprietários, sendo habitado, primeiramente, pela família do Capitão Serafim José de Barros e, em seguida, foi instalado ali, em 1918, o “Colégio Novaes”, funcionando no local por três anos.

De acordo com Dorival Carvalho Mello (2002), em 1927, uma nova família se muda para o sobrado, “é justamente aqui que aparece Francisco Honório de Campos, o último comprador do velho sobrado” (MELLO, 2002, p. 107). Com a sua morte em 1950, a casa passou para as mãos de sua esposa Maria Claudina Franco de Campos. Durante os anos em que viveram no sobrado, Francisco Honório e sua família fizeram dos aposentos do porão abrigo para pessoas com as mais “diferenciadas carências físicas e mentais” (LIMA, s/d, p. 70). Com a morte de Francisco Honório, Dona Mariquinha, o nome pelo qual era conhecida na cidade, em 1966 doou o casarão para a comunidade, na condição de que ele fosse utilizado para o funcionamento de uma instituição de ensino ou cultural e tivesse o nome de seu esposo. Como observa Maria Eloá de Souza Lima:

*Finalmente, em março de 1993, sendo prefeito de Jataí Nelson Antônio da Silva, entrou em vigor a lei nº1.542 que oficializou a fundação do Museu Histórico Francisco Honório de Campos. A partir desta data o sobrado de dona Mariquinha passou a ser também sede de importantes eventos culturais e educacionais. Amplos aposentos do porão que abrigaram tantas pessoas portadoras das mais diferenciadas carências físicas e mentais, passaram a ser ponto de encontros de escritores, geólogos, antropólogos e historiadores com a comunidade.” (LIMA, s/d p. 70).*

Reconhecemos então o MHJ como um lugar de memória capaz de preservar e divulgar a memória e história local da cidade de Jataí, tornando-se um espaço em que é possível conectar sua comunidade com as suas narrativas locais e regionais. No entanto, entendemos também que no ato de divulgação e preservação de memórias há também esquecimentos, esvaziamentos, ou até mesmo reducionismo, como aponta Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha (2017):

*É necessária a reflexão sobre o que se esconde e se revela no patrimônio preservado, considerando que os referenciais implícitos e explícitos nas materialidades e imaterialidades são múltiplos e complexos, e que preservar é sempre uma ação política, com consequências que ultrapassam o ato de preservar em si. Neste sentido, paradoxalmente, a preservação é ao mesmo tempo necessidade e risco. Necessidade, pois precisamos evidenciar nossa trajetória histórica, e por isso mesmo é também um risco, já que nas escolhas sobre o que preservar, existe muito mais exclusão do que inclusão. Isto se agrava pela ação de quem detém o poder político de escolher o que vai ser preservado, pois esse processo pode levar a visões e ações hegemônicas sobre a memória e sua preservação patrimonializada (CUNHA, 2017, p. 80).*

## Refletindo sobre o acervo inicial do Museu Histórico de Jataí

A constituição de um Acervo Museológico é fundamental para as instituições museais, pois viabiliza a criação de exposições e atividades, contribuindo também para o seu arquivo e reserva técnica, consolidando um Museu Histórico. Em 1993, o MHJ através de doações, coletas de objetos e documentos relacionados à história de Jataí, considerados de valor histórico, inicia o seu acervo museológico. Como ponto norteador para aquisição desses objetos a equipe da instituição elaborou um projeto de pesquisa vinculado a Universidade Federal de Goiás (UFG), intitulado: “Levantamento de Acervo do Museu Histórico de Jataí” (MHJ, 2016, p. 12).

A relação entre museu e comunidade foi e tem sido de extrema relevância para o MHJ, tornando-se comuns doações de objetos por parte da comunidade, doações essas, que não se veiculavam ao projeto descrito acima, tal dinâmica teve como resultado a criação da Comissão de Acervo do MHJ com a função de avaliar as aquisições e descartes do acervo. A metodologia de organização do acervo MHJ se dá a partir da tipologia dos objetos. Para essas definições o Museu tem como referência, desde sua criação, a publicação Thesaurus<sup>62</sup> para Acervos Museológicos.

A tipologia do acervo do MHJ está organizada em documentos, fotografia histórica, bibliográfico, iconografia-tela, instrumento musical, numismático, objeto de interior, mobiliário, decoração, uso doméstico, objetos de uso pessoal e profissional, comércio, marcenaria, construção civil, gabinete dentário, tecelagem, transporte e arqueológico.

Para um objeto fazer parte do acervo de um museu é preciso estar associado à finalidade da instituição, podendo variar conforme a tipologia priorizada pela instituição. Um mesmo objeto em museus de tipologias diferentes (histórico, artístico, entre outros) terá suas funções e sentidos destacados de forma diferenciada. O processo pelo qual passa o objeto até se tornar parte do acervo é o de reconhecimento de seu valor patrimonial e informacional, sendo reconhecido passa a ser salvaguardado. São muitos os motivos que levam os museus a salvaguardar os objetos em seu acervo: por ser raro, valor científico, cultural, preciosidade do material ou pela sua antiguidade. No entanto, trata-se também das possibilidades de informação que esses objetos possuem.

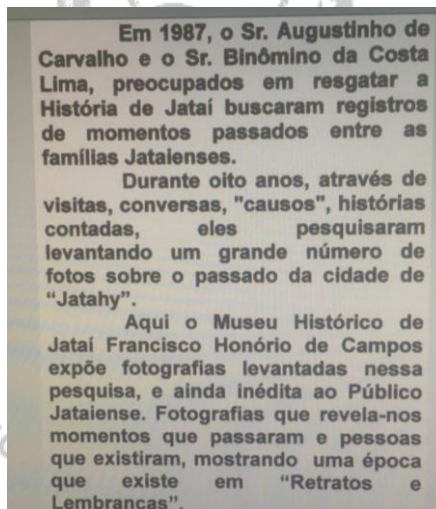
---

<sup>62</sup> O Thesaurus pode ser compreendido como uma ferramenta literária, que reúne vários termos e saberes baseados em uma estrutura conceitual concebida para auxiliar no processo de musealização dos objetos, através de suas classificações e definições conceituais.

O MHJ traz em sua essência a salvaguarda e comunicação de documentos que evidenciam a história da cidade e da região, sendo assim um museu histórico de abrangência regional. Sendo essa a regra que direciona o processo de documentação na instituição, passando desde a comissão de acervo museal, ocorrendo a etapa de registro ou inventário quando o objeto recebe um número que o identifica, para então ser catalogado, acondicionado e armazenado ou, se for o caso, exposto, variando conforme a programação das exposições.

Tendo apontado o processo que perpassa na constituição de um acervo para uma instituição museológica, especificamente no MHJ, iremos nos concentrarmos agora em uma fotografia da exposição “Jatahy: histórias pra contar” no ano de 1998<sup>63</sup> (Figura 1), em que a mesma refere-se ao levantamento de registros para compor a exposição naquele mesmo ano e nas próximas edições. Destacamos um trecho do texto de abertura “Buscaram registros de momentos passados entre as famílias jataienses”.

Figura 1 - Texto de abertura “Retratos e Lembranças”. (1998)



Fonte: Acervo digital do Museu Histórico de Jataí Francisco Honório de Campos.

No entanto precisamos olhar atentamente a esse momento de formação do acervo da instituição MHJ, pois no momento em que houveram essas buscas iniciais a historiografia local dava lugar a uma narrativa dita como tradicional/oficial pautada na obra memorialista de Basileu Toledo França, Pioneiros (1954), em que o autor faz um “retrato” da região. É importante destacar que a obra memorialista de França reforça uma redução do papel da

---

<sup>63</sup> A exposição alterou o nome para “Retratos e Lembranças”. No acervo digital constam algumas fotografias da exposição e os primeiros textos de abertura. Retomando seu antigo nome em 2005, “Jatahy: Histórias pra contar” até o ano de 2015, quando realizou-se a última montagem e apresentação desta exposição.

população negra e indígena, bem como das mulheres, colocando-os em lugares subalternizados, isso quando não aparecem de forma estereotipada. Vejamos a forma como autor se refere à população negra “sem esquecer a contribuição dos humildes e obscuros negros” (FRANÇA, 1954. p 9), trecho este presente no prefácio da obra *Pioneiros* (1954)<sup>64</sup>.

É importante evidenciar que a narrativa de *Pioneiros*, apresentada pela obra de França contribuiu para os silenciamentos de outros povos não pertencentes à elite dentro da instituição, inferimos que muitas exposições o utilizaram como fonte para a montagem de exposições, durante os anos iniciais do museu. Desta forma, o acervo parte inicialmente de preservar uma memória que não contempla um todo local, mas sim os pertencentes das famílias tradicionais locais. Entre essas famílias, destacam-se os vilelas e carvalhos, presentes em muitas exposições do MHJ, e protagonista na obra de França.

Reiterando, o acervo do MHJ nos anos iniciais de sua formação contempla a narrativa dos pioneiros, seja nas exposições, nas obras literárias que compõem a biblioteca do museu, nos objetos e nas fotografias. Entendemos que não havia uma preocupação da instituição em preservar memórias alternativas a das famílias tradicionais de Jataí, o que levou à busca por outras narrativas que pudessem dar voz aos excluídos da memória coletiva local, como por exemplo a população negra e indígena.

Desde 2016 constata-se no MHJ uma abertura para a constituição de memórias sobre sua população negra e indígena, seja na montagem das exposições, ou na coleta de objetos para compor o acervo, já no intuito de trazer uma história plural, e assim ressignificando a narrativa construída através da obra de França (1954). Tais feitos no MHJ foram possíveis de realizar através das pesquisas sobre a escravidão em Jataí, também sobre as mulheres e da população indígena. Estas pesquisas<sup>65</sup> de certa forma contribuíram para que o MHJ pudesse ressignificar suas memórias construídas na instituição, principalmente nas exposições.

### **“Jatahy: histórias pra contar” - Um reflexo da elite local**

---

<sup>64</sup> A obra faz a associação a urbanização da cidade e aos feitos por parte da elite, dando destaque às famílias abonadas e aos chefes de famílias e senhores de escravos, como os Vilelas e Carvalhos, e relegando à subalternidade a população negra e indígena.

<sup>65</sup> Estas pesquisas foram realizadas pelos professores/pesquisadores e discentes do Curso de História da UFG/UFJ. Atentamos que não havia um curso de história na cidade, sendo criado apenas em 2007, o que reverberou na colaboração das instituições MHJ e UFG na construção de uma história plural no Museu Histórico de Jataí a partir de 2016, especificamente nas exposições.



Antes de falar propriamente sobre a exposição *Jatahy: histórias pra contar*, é preciso entender que as exposições do MHJ, estão relacionadas aos aspectos históricos e culturais da cidade de Jataí e região Sudoeste Goiano e tem como finalidade apresentar a comunidade uma determinada temática, provocando a reflexão e discussão. As exposições são frutos de pesquisas realizadas por meio de parcerias do Museu Histórico de Jataí com outras instituições de cunho educativo e cultural.

Podemos acompanhar muitas das exposições realizadas pelo Museu ou outros eventos e atividades promovidas pela instituição a partir dos Boletins do Museu e dos registros fotográficos depositados na reserva técnica do Museu. O lançamento da exposição ocorreu no ano de 1995, quando o projeto de boletins anuais ainda não existia, sendo sua primeira edição publicada em 1999<sup>66</sup>. A exposição quando apresentada em 1995 e 1998, foi possível ter acesso aos registros apenas pelo acervo digital da instituição<sup>67</sup>. É importante mencionar que a exposição tem seu título alterado em 1998, porém não aparece nos boletins anuais a reformulação do nome, sendo encontrada apenas nos registros fotográficos.

A análise da exposição elenca um misto de fotografias, nos remetendo a uma exibição da trajetória da cidade de Jataí, localizada no sudoeste goiano, com processo de ocupação de exploração datado por volta de 1836. Estas fotografias indicam o desenvolvimento urbano de Jataí desde fins do século XIX até a primeira metade do século XX. Abaixo (figura 2) podemos observar um dos painéis da exposição em que consta a fotografia de alguns casarões, o mapa da cidade, o registro fotográfico de uma reunião dos políticos locais.

**Figura 2** - Painel da exposição “*Jatahy - histórias pra contar*”. (1998)



*Fonte: Acervo digital do Museu Histórico de Jataí Francisco Honório de Campos.*

---

<sup>66</sup> O boletim do MHJ é uma publicação anual, de distribuição gratuita. Nos boletins são publicados textos originais e inéditos, resultantes de pesquisas relacionadas aos aspectos histórico-culturais de Jataí.

<sup>67</sup> Diante das informações coletadas sobre as exposições, que tanto estava nos boletins, como no acervo fotográfico e digital, foi indispensável uma análise de todo material da exposição disponível no acervo do MHJ, além dos diálogos com a coordenação de museologia do museu.

Percebe-se que o intuito da exposição é apresentar narrativas que fundamentam a urbanização da cidade de Jataí, perpassando por aspectos e sujeitos locais, porém notadamente elenca a exclusão de outros protagonistas de suas memórias locais. “Jatahy - histórias pra contar” elucida uma narrativa tradicional elitista, em que até mesmo os objetos elitizados (dado a época em que fora feito o registro fotográfico) ganham espaço na exposição, quando a mesma apresenta o primeiro veículo a passar por Jataí (figura 3). Ou seja, a exposição reflete uma história que perpassa no âmbito tradicionalista e de suas aquisições.

**Figura 3** - Exposição “Jatahy - histórias pra contar”. (1998)



*Fonte: Acervo digital do Museu Histórico de Jataí Francisco Honório de Campos.*

Agora retomado a obra de França (1954), a mesma faz a associação a urbanização da cidade e aos feitos por parte dessa elite, em que se destacam famílias abonadas dando enfoque aos chefes de famílias e senhores de escravos, como os Vilelas e Carvalhos, e relegando à subalternidade a população negra e indígena. França ao escrever sua obra aponta no prefácio que a memória vinha se perdendo, que era preciso reconstruir as origens do lugar (FRANÇA, 1954).

Ao realizarmos uma aproximação com um dos textos de apresentação da exposição (figura 4) é interessante pensar também em como as razões que fundamentam a narrativa se aproximam das justificativas elaboradas por memorialistas ou outros sujeitos (não historiadores). Ao sugerir no texto de abertura “que pouco ou nada resta das paisagens aqui retratadas, esta exposição busca impedir que o tempo destrua nossas referências de memória”,

percebe-se que a narrativa de não restar mais nada e que é preciso salvar o que restou, é presente na exposição o que a assemelha a proposta da obra memorialista de França.

Outro ponto a destacar é que quando a exposição diz que as fotografias são uma prova clara e objetiva, precisamos questionar o que essas imagens refletem, e quais sentimentos a narrativa exposta provoca no público visitante. Ademais, a forma como são retratadas as fotografias, quais sujeitos estão presentes, que memórias essas imagens buscam retratar, estas são questões que perpassam o historiador ao analisar uma exposição, que se difere da visão do museólogo ao fazer a montagem da exposição, que se utiliza da fotografia a partir de outro olhar (figura 4).

**Figura 4** – Recorte do texto de abertura da exposição "Jatahy: histórias pra contar" de

A fotografia é uma prova clara e objetiva de fatos e acontecimentos, uma forma de conhecer/reconhecer o passado, e ainda testemunho da participação dos **pioneiros e seus sucessores** na trajetória do desenvolvimento de Jataí.

Pouco ou nada resta das paisagens aqui retratadas. Esta exposição busca, impedir que o tempo destrua também nossas referências de memória, e conseqüentemente, importantes elos  
2008 de nossa história.

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Jataí Francisco Honório de Campos

Sandra Jatahy Pesavento reflete que as imagens têm um poder mobilizador, possui também uma função epistêmica, empenham significados, produz sensações, ademais a imagem é algo que remete ao tempo em que foi registrada bem como de quem a registrou. Por mais que a imagem seja no momento de sua feitura um “registro do tempo” não cabe a ela temporalizar seu conteúdo, implica simplesmente em fazer uma leitura dos temas e significados que trazem no seu conteúdo expostas em forma de imagem (PESAVENTO, 2008).

Para além das problemáticas apontadas no referido texto de abertura da exposição, em que se explana os Pioneiros (1954) como precursores do desenvolvimento local<sup>68</sup>, questiona-se, onde estão os outros sujeitos que, certamente, estiveram presentes neste processo de

---

<sup>68</sup> Na historiografia de Jataí tem se constituído um campo que visa romper com essa visão hegemônica de França, indico a leitura do trabalho de Murilo Borges Silva, Pelos Caminhos da Abolição: Os últimos anos da escravidão e as experiências de liberdade em Jataí (2011).



estabelecimento da região, ou seja, que espaços são reservados para as pessoas negras que acompanharam os Vilelas e os Carvalhos, além dos povos indígenas que já estavam estabelecidos na região. Atentamos as próximas figuras.

**Figura 5** - José Manoel Vilela e José Manoel Vilela Júnior "Jatahy: Histórias pra contar".



**Figura 6** - Reunião política no Paço Municipal - Aproximadamente 1885.



*Fonte: Acervo do Museu Histórico de Jataí Francisco Honório de Campos*

A exposição é tomada por uma narrativa em que se destaca as histórias de sujeitos pertencentes a uma elite, proprietária de terras, vindas de outras localidades, de modo que duas famílias ocupam a maior parte da narrativa que se pretende contar através dos textos e imagens, e parece ser elas o futuro ou continuidade da história do lugar, pois, como se observa nas imagens anteriores, a exposição ressalta a presença dos pioneiros e de seus herdeiros (figura 5) e da classe política jataiense (figura 6).

Quando a exposição se aproxima dessa narrativa, seja no texto ou nas fotografias, restringe a(s) história(s) de Jataí ao contexto de produção/recepção da referida obra, reproduzindo uma história única, centrada na atuação de sujeitos e experiências da elite local. Nesta história única, as imagens retratam apenas uma perspectiva, centrada em famílias

tradicionais da região e dos grandes casarões a elas pertencentes, como o próprio sobrado que abriga o MHJ, pois um dos primeiros proprietários foi ninguém menos que o Capitão Serafim José de Barros, proprietário de terras e dono de escravizados.

### Considerações Finais

Para finalizarmos estas reflexões podemos voltar na discussão sobre os gabinetes das curiosidades, nas antigas coleções dos príncipes, ou até mesmo após o estado se apropriar dessas coleções, além do que conhecemos hoje enquanto instituição, Museu. As narrativas construídas nesses espaços partiram quase sempre de uma história tradicionalista, relegando às margens outras histórias, da população negra e indígena, das mulheres, de aspectos culturais e tradicionais que não fossem de sujeitos brancos e elitizados.

Desse modo, entendemos que no ato de lembrar, há também esquecimentos, e quando há memórias construídas, também tem se memórias excluídas. As memórias da população negra quando retratada nos museus por muito tempo houve uma homogeneização, abordando apenas elementos da escravidão, torturas e suas ferramentas, esquecendo das resistências que houveram, de lideranças que surgiram contra a escravização, da cultura e religião.

No intuito de contrapor uma história tradicional, narrada por muito tempo nas obras memorialistas, através das pesquisas realizadas sobre grupos excluídos na historiografia de Jataí e das pesquisas internas da instituição, o MHJ tem se atentado a trazer outras perspectivas e narrativas desses povos para as suas exposições. A exemplo, temos a exposição “Os últimos anos da escravidão em Goiás” de 2016, em comemoração aos 22 anos do MHJ, a exposição “Terreiros de Fé” em 2017 e também a de título “O Clube 13 de Maio e os Negros e Negras na História de Jataí” (2019) que evidencia o protagonismo de sua população negra local, a partir de sujeitos negros e negras e de suas memórias e histórias de vida.

Concluindo, este texto é o olhar de um historiador para uma instituição museal que produz conhecimentos, narrativas e memórias, e é preciso reconhecer a sua importância, bem como historicizá-lo também, pois enquanto uma instituição que constrói identidades nos lugares de memória é preciso estar atento às narrativas e sujeitos presentes e ausentes nesses espaços museais.

## Referências

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. *Memória e patrimônio: Ensaio Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. TED; São Paulo. SP: Companhia das Letras - YouTube.
- CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Museus, memórias e culturas afro-brasileiras. In: Dossiê: Memória, Cidade e Museu: Entre Silêncios e Mobilizações. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*. SESC nº 5, São Paulo, 2017.
- FRANÇA, Basileu Toledo. *Pioneiros*. Goiânia: Editora UFG, 1995.
- LIMA, Maria Eloá de Sousa. *Mariquinha do Sobrado*. Jataí - GO: Ed. do Autor, sem data.
- MELLO, Dorival de Carvalho. *Nos porões do passado: a descoberta de Jataí*. Jataí-GO. Sudográfica, 2002.
- MUSEU HISTÓRICO DE JATAÍ: FRANCISCO HONÓRIO DE CAMPOS. O Museu Histórico de Jataí e seu Acervo Jataí-GO, 2016.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PINTO JÚNIOR, Rafael, MENEZES, Marcos Antonio de, SILVA, Adriano Freitas. *Jatahy: espaço de morar (1880-1935)*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012, p. 50.
- SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. A representação da Escravidão. *Anais do Museu Histórico Nacional*. N. 40. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2008.
- SANTOS, Myriam Sepúlveda. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

## FONTES

- REGIMENTO DO MUSEU HISTÓRICO DE JATAÍ: Francisco Honório de Campos. 2013.
- RELATÓRIOS ANUAIS DO MUSEU HISTÓRICO DE JATAÍ. 1995.
- EXPOSIÇÃO “JATAHY: HISTÓRIAS PRA CONTAR” - 1995 à 2015. MUSEU HISTÓRICO DE JATAÍ.